

RELICÁRIOS OU CADERNOS DE RECORDAÇÃO: SUPORTES DE MEMÓRIA,  
TESTEMUNHOS DE AMIZADE

*Reliquary or Notebooks of Recall: supports of memories and friendships*

Antonia Simone Coelho Gomes<sup>1</sup>

RESUMO

Esse artigo analisa três relicários também chamados de cadernos de recordação, material que reúne mensagens de colegas de classe, remetidas à dona do caderno, geralmente ao final do curso primário. A intenção foi compreender as especificidades dessa prática de escrita que circulava durante os anos setenta e oitenta do século XX, entre os alunos da Escola Estadual Melo Viana- Carangola-MG e se apresenta como um produto escolar da época. Neste estudo, os relicários são tomados tanto como suporte de escrita, o que conduz à análise da materialidade do artefato, quanto como suporte de memória, o que permite se perceba os sentidos atribuídos às relações estabelecidas no tempo da escola. Neste material estão presentes manifestações em torno da amizade, do companheirismo e das saudades. Os versos, poesias e poemas se afirmam como produções que marcam a escola como espaço de produção de subjetividade. Assim, a prática de produção dos relicários surge como uma estratégia de difusão de valores e comportamentos, e a escrita passa a ser um instrumento de veiculação de princípios de formação de identidade. Foi encontrado também um tipo de escrita mais livre e irreverente que aparece como resposta às normas de organização que regem a escola. Essa análise possibilitou considerar a vida escolar e as posições assumidas pelos alunos ao longo do processo de escolarização.

**Palavras chave:** escrita escolar, suportes de escrita, cadernos de recordação, práticas de escrita.

ABSTRACT

This article analyzes three shrines or books of remembrance, a material that meets messages classmates, sent to the owner of the notebook, usually at the end of primary school. The intention was to understand the specifics of the practice of writing that circulated during the seventies and eighties of the twentieth century, including students from the State School Melo Viana, MG and presents itself as a product of the school day. In this study, the relics are taken and much as writing support, which leads to the analysis of the materiality of the artifact, and as a storage medium, which allows to realize the meanings attributed to the relationships established at school time. This material manifestations are present around the friendship, camaraderie and nostalgia. The verses, poetry and poems assert themselves as products that make the school as a production of subjectivity. Thus, the practice of production of reliquaries emerged as a strategy for the dissemination of values and behaviors, and writing becomes a tool serving the principles of identity formation. We also found a freer kind of writing and irreverent that appears in response to the standards organization governing the school. This analysis made it possible to consider the school and the positions taken by students during the schooling process.

**Keywords:** academic writing, media writing, book of remembrance, writing practices at school

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de História da Educação do Curso de Pedagogia da FAVALE\UEMG\Campus Carangola. E-mail: antoniasgomes@yahoo.com.br

A escola é um “*lugar de memória*”<sup>2</sup>, essa afirmativa de Souza (2000), nos faz crer que a relação entre memória e escola é intrínseca, e se vê apoiada não somente nos objetos antigos expostos nas secretarias, nas placas presas nas paredes ou nos retratos de ex-diretores dependurados nos corredores das escolas. Estão presentes também na estrutura física-arquitetônica dos prédios que retratam uma determinada época, nos álbuns de retratos ou nos livros de registros que assumem o lugar de guardiões da memória escolar, sobretudo, a memória está depositada nas outras pessoas, nas escritas, nas lembranças.

Este estudo se volta para as discussões em torno da Cultura Escrita em interlocução com os fundamentos da Cultura Escolar e tem a intenção de jogar luz sobre um suporte de escrita não oficial que circulava na Escola Estadual Melo Viana e em outras escolas, nas décadas de 1970 e 1980. São os cadernos de recordações, aqui também chamados de relicários, denominação usada pelos alunos ao se referirem ao material que reúne mensagens de colegas de classe, remetidas à dona do caderno.

A escritura encontrada nestes relicários se caracteriza por ter sido produzida no final da quarta série da escola primária, sinalizando assim, o final de uma etapa de escolarização. O discurso das mensagens e o teor dos poemas, muitas vezes, antecipavam a formatura que estava próxima e/ou a separação do grupo de colegas que geralmente vinham juntos desde a primeira série, fazendo da escola um espaço de companheirismo e parceria.

É importante sinalizar que o país na década de 70 passava por transformações sociais, econômicas e políticas, em plena ditadura militar, período em que a educação visava moldar a ideologia dos jovens. As escritas estavam para além do sentido atribuído às mensagens de despedidas do curso primário, passavam a representar uma rede de sentidos que expressavam as aspirações e anseios de uma época. Nos deparamos, pois, com o jogo de palavras e o uso de imagens inusitadas, monogramas e símbolo de “paz e amor”.

Por um lado, os relicários podem ser compreendidos como um suporte de escrita na medida em que deixam registrados nos poemas e nas poesias, as mensagens dirigidas à colega, dona do caderno. A finalidade era materializar e perpetuar os laços de amizade entre os colegas do tempo da escola primária. Segundo Castillo (1999), as escrituras podem ser entendidas como uma tecnologia de argumentação e comunicação social capaz de gerar modos próprios de pensar o mundo e construir a realidade. Esse autor parte do conceito de que a escrita é uma linguagem que transcende os limites do espaço e do tempo de sua produção e tem facilitado a comunicação na distância e na ausência. O que significa dizer que através da fixação da escrita “a memória transcende a fragilidade do presente e se inscreve no tempo e na história” (CASTILLO, 2000, p.134).

Por outro lado, considerar os relicários como suporte de memória é significá-los como depositários de vivências ricas de significados que traduzem histórias de vida escritas e trazem à tona recordações do tempo de escola. Neles se encontram espelhados o cotidiano de garotas e garotos desta cidade que retratam um tempo vivido, junto às professoras e aos colegas da turma. Os relicários revelam os valores, os modos de pensar e de ver o mundo sob o prisma de uma época: um tempo memorável vivido e registrado, como se a palavra escrita, perpetuasse os laços de amizade. Esse aspecto atribui à escola um lugar privilegiado

---

<sup>2</sup> NORA, Pierre. 1984

de companheirismo e parceria, na qual a prática de produção dos relicários surge como uma estratégia de difusão de valores e comportamentos coletivos, e a escrita, passa a ser um instrumento de veiculação de princípios de formação de identidade.

### Os relicários como dispositivo de escrita

A recolha e análise desse material foi fruto da pesquisa sobre memória escolar realizada no Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ<sup>3</sup>, em que se buscou compreender como uma escola pública no interior de Minas Gerais se destacou na cidade por promover um ensino de qualidade. Ao longo da investigação foi necessário ter acesso à escrita produzida por ex-alunos. Nesse sentido, iniciou-se a tessitura de uma rede de informação que, aos poucos, foi se consolidando através das conversas com ex-professoras acerca de seus materiais escolares. Foi colocado anúncio no jornal *Gazeta de Carangola* e a busca foi difundida através da rádio local, a fim de que a notícia referente à necessidade de localizar materiais escolares sensibilizasse as pessoas. No decorrer dos dias foram chegando cadernos, provas, trabalhos escritos e dentre eles, os relicários.

Era grande a expectativa em conhecer esse material e compartilhar da intimidade de meninos e meninas pré-adolescentes que conservavam ali testemunhos de amizade. Para tanto, fez-se necessário desenvolver uma forma de apreciá-lo a partir de sua materialidade, começando por decifrar os sentidos anunciados pelas capas (CUNHA, 1999), pela disposição tipográfica e pela organização da página (HEBRARD, 2001), quanto pela análise das linguagens expressas, **os conteúdos, propriamente ditos**. Tal abordagem encontra respaldo na perspectiva de Chartier (1990) que trabalha com o conceito de representação como “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ver”(p.74).

Abri-los, folhear página a página, ler e reler as mensagens e, aos poucos, ter acesso ao testemunho daqueles alunos e alunas sobre um tempo ali demarcado pelas práticas de escrita que circulava entre os colegas da escola, foi uma experiência no mínimo prazerosa que me fez refletir sobre as diferentes formas de constituição de redes sociais. Ao mesmo tempo, foi necessária a sistematização dos dados para proceder à condução e análise do objeto.

No que diz respeito à materialidade, as capas se apresentam de diferentes formas: coloridas, com flores ou imagens de jovens. A figura desenhada de um casal romântico faz menção ao sentido da descoberta do primeiro amor, ou simplesmente, capa dura medindo 20cm X 14cm que traz em letras bordadas a palavra “*Recordações*”. Um dos relicários localizados durante a seleção de material trazia um cadeado pequeno ao lado de fora da capa, esse aspecto parece sinalizar que o conteúdo ali presente era confidencial.

---

<sup>3</sup> Essa pesquisa culminou com a elaboração da dissertação *Templo do saber: Consagração da Escola Estadual Melo Viana Carangola-MG*, 2002.



Capas dos relicários escritos nas décadas de 70 e 80.

Em relação à modalidade textual, é possível considerar uma diversidade entre versos, trovas, provérbios e poesias, expressas em pequenas mensagens dirigidas à dona do caderno. A mensagem pode seguir o modelo que sugere a construção poética ou se apresenta sob a forma de depoimentos em que prevalecem uma linguagem mais despojada, carregada de valor afetivo, tradução direta da amizade manifesta por Luciano à Elaine: “não vou escrever só palavras, mas vou escrever palavras com todo carinho que você merece”<sup>4</sup>.

É possível perceber um diálogo estabelecido entre quem escreve e quem recebe a mensagem.

### Elaine

*A nossa amizade começou em 81. Essa amizade foi crescendo e hoje estou feliz, pois te considero uma grande amiga.*

*Sempre que estiveres triste, lembre-se de olhar para o céu e ver uma estrela. Alguém, em algum lugar te ama e vê esta mesma estrela.*

*Da amiga Marta 14/10/83*

A prática de escrever a um colega de sala assume um caráter particular, ao mesmo tempo torna-se, segundo Camargo (2002), uma prática de escrita coletiva geradora de relações no ambiente escolar, pois vários sujeitos manuseiam e escrevem neste caderno. As mensagens constituem-se em um espaço biográfico e os versos, as poesias e os poemas se afirmam como produções que marcam a escola como espaço de produção de subjetividades<sup>5</sup>: “essa amizade foi crescendo e hoje estou feliz, pois te considero uma grande

<sup>4</sup> Escrita de Luciano Mattos para Elaine 11/10/83

<sup>5</sup> A subjetividade é um sistema formado por sujeitos concretos e ela se constitui nesses sujeitos e eles, por sua vez, vão influenciando constantemente sua trajetória e se configuram subjetivamente através de sua ação nos vários espaços da vida social (REY, 2002). As memórias estão relacionadas ao processo de subjetivação bastante complexo que incluem desde sensações e imagens mentais altamente privadas e espontâneas, até solenes cerimônias públicas vividas intensamente. Elas estão ancoradas em espaços e lugares nos quais circulamos, em grupos sociais, em objetos que manipulamos.

*amiga*”. Ainda que a escrita, em grande parte, seja reproduzida por meio de cópias, quem escrevia procurava manter a criatividade e espontaneidade ao deixar uma mensagem de teor pessoal, especialmente nas despedidas.

Adeus

*Adeus, palavra pequena  
Tão grande a tradução  
Adeus, eu disse com pena  
Sangrando o meu coração.*

*Adeus, recorde chorando  
Nas mágoas dos dias meus  
As tuas mãos se agitando  
De longe dizendo adeus...*

No que tange aos aspectos topográficos aparece uma produção híbrida pela mistura de diferentes formas e tamanhos de letras. A escrita inclinada aparece como contra-ponto ao padrão de escrita convencional. Sobressai o uso de canetas coloridas, por um lado parece que para chamar atenção dos títulos, por outro, o colorido se encarrega de dar vida às ilustrações: são raios, corações, carinhas, lua e estrelas. Esses desenhos associados à escrita produzem um entrelaçamento escrita/imagem, ampliando o entendimento do enunciado. Os corações partidos ficavam por conta de representar ora a descoberta do primeiro amor, ora o desgosto e sofrimento das paixões proibidas ou desfeitas. Ainda que as práticas de escrita contidas nesse material indiquem os padrões determinados pela escolarização baseados na ordem e organização estrutural, se percebe por meio dessas representações os sinais de uma escrita irreverente que aparece como resposta às normas de organização da escola.

Ter contato com os textos que circulavam na época permitiu ter acesso aos tipos de linguagens usadas como também às regras de comportamento ali sugeridas, o que remete aos valores preservados por essa coletividade. Em relação aos conteúdos, uma análise mais atenciosa permite o acesso às concepções, aos valores e às representações que esses alunos produziram acerca do presente vivido e em relação ao futuro por vir.

Ao decifrar os rituais observados nesse tipo de escrita foi possível travar uma certa analogia entre a escritura do relicário e a escrita de cartas, uma vez que ambas se caracterizam pela intenção de registrar fatos e afetos. Os relicários, assim como as cartas, obedecem a códigos rituais que definem a correspondência pessoal: no início encontra-se o título da poesia ou vocativos usando o nome ou “*somos amigas*”, “*felicidades*”; ao final do texto, a despedida: “*um grande abraço de sua amiga que muito a estima*”.

A partir desse padrão de correspondência, Lyons (1999) diz que os “pactos epistolares” unem escritor e destinatário, o que pode ser observado nos fragmentos aqui apresentados: “*uma pequena recordação para que quando você abrir esse relicário lembrar-se de seu amigo de hoje e sempre*”.

Algumas questões surgem a fim de se compreender o modelo de relação estabelecida entre a prática de escrita de mensagens a uma colega através dos relicários e as normas de organização da escola. Que redes se construíram para que os relicários se produzissem no interior da escola? Por que estes pré-adolescentes escreviam? Em que circunstâncias essa prática passou a ter um significado para esses alunos? O que queriam deixar registrado?

### Na escrita dos relicários a difusão de valores e de comportamentos da época

O primeiro relicário, objeto de análise, pertence à Jandira Machado, este foi produzido no ano de 1970. Nessa época, período de ditadura militar, o país vivia mergulhado na repressão e a censura tolhia as diferentes formas de manifestações sociais. Mesmo com a liberdade de expressão cerceada, como dizem Viana, Lissovsky e Sá (1986), “a trajetória humana não se fez impunemente”. Nos vestígios e nas lembranças, nos registros presentes nos relicários se apreende o sentido imposto às práticas escolares. Nele se encontram os versos ocupando o lugar central como prática de escrita. Dentre as poesias mais freqüentes: “*Lua cheia*” de Cassiano Ricardo, “*Deus*” de Casimiro de Abreu e “*Metamorfose*” de Cassiano Ricardo, a mais citada. Os autores Cassiano Ricardo, Fernando Pessoa e Olavo Bilac tiveram destaque. Dentre os pensamentos, trovas e provérbios, os mais comuns: “*Que sua vida seja como a matemática: alegrias somadas tristezas divididas, amores multiplicados, dificuldades diminuídas*”.

Os textos estavam a serviço de anunciar os sentimentos inculcados pela escola que apareciam pelo tema de amizade, saudade e solidariedade. Os fragmentos de texto revelam o período distante vivido junto às professoras e colegas de classe que deixaram marcas e trazem as representações do tempo de escola: “bom compartilhar com você”, “a alegria de te conhecer”; “lembre-se da colega e amiga”. Esses aspectos, provavelmente, foi o que moveu as donas dos cadernos os guardassem como relíquia.

Para Artières (1998), são vários os motivos que levam as pessoas a preservar os seus guardados. Para ele, arquiva-se para ter uma identidade reconhecida, para controlar a vida, recordar e tirar lições do passado preparar-se para o futuro ou inscrever a existência. Para ele, o “arquivamento do eu” é intencional, ele é feito em função de um futuro leitor, é uma maneira de publicar a própria vida que “sobreviverá ao tempo e à morte” (p.10).

O arquivamento dos relicários, local em que estão guardadas as escritas de vários colegas do tempo da escola primária, permitiu entender não só como os indivíduos participavam de experiências institucionais, como apontou para os modelos dessa geração.

O poema *Escola Primária* permite se faça inferências sobre como a escrita dos relicários opera como estratégia de difusão valores e comportamentos normatizados. Por conseguinte, passa a veicular os princípios de formação.

Escola primária  
Nesta casa, onde se aprende  
A conhecer o A, B, C  
O amor da pátria se estende  
por um céu que não se vê

Aqui onde a alma se eleva,  
 Entra-se cheio de treva  
 sai-se coberto de luz.  
 É aqui que começa a estrada  
 que os fulgores da alvorada  
 Nosso espírito conduz.  
 Bendita, pois, seja a escola  
 Da vida no evoluir,  
 Que ela é lúcida corola  
 Da grande flor do porvir  
 No seio da juventude  
 Planta a árvore da virtude  
 Que frutifica em saber  
 Bendita a escola, bendita  
 Por esta luz infinita  
 Das almas que sabem ler!  
 Aqui se talha o destino  
 Ao forte em que, amanhã  
 Há de mudar-se o menino  
 De ágil corpo e de alma sã.  
 Aqui se forma a consciência  
 Pois, da vida na tormenta do  
 Espírito, o livro é o pão.  
 Aqui se forma a consciência  
 com as luzes da inteligência,  
 Com as flores do coração!<sup>6</sup>

Nesse poema de autor não identificado, a escola é cenário onde as relações educativas se estabelecem como princípios e formas de escolarização. A tônica é a formação dos sujeitos baseados na virtude; no conhecimento, no amor à pátria, o que reitera a escola como um espaço legitimado de formação de condutas, hábitos e valores naturais.

Passamos agora à análise da escrita manifestada em dois relicários referentes ao ano de 1982 e 1983, guardados por Elaine Azevedo como recordação dos amigos de infância, neles encontramos para além das mensagens de amizade e despedidas, uma outra forma de escrita. São expressões e manifestações de contestação, a exemplo da mensagem enviada por Josiane a Elaine: “*seja o que você quiser ser. Lute para conseguir o que quer*”<sup>7</sup>.

Outra manifestação que incentivava a postura de reivindicação pode ser lida nos dizeres de Graziela: “*seja do jeito que você é e não do jeito que as pessoas gostariam que fosse e se isto não for o suficiente para alguém este alguém nunca será bastante para você*”<sup>8</sup>. Essa escrita vai aos poucos anunciando um jeito próprio de ser, o que neste momento parece apontar para as diferentes formas de emancipação e luta pela liberdade de expressão.

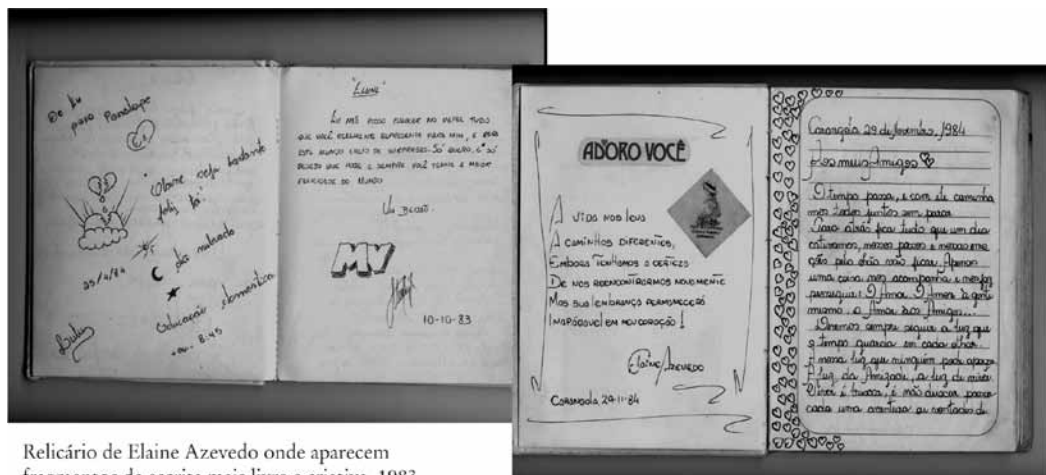
Embora o tema em torno da amizade tenha sido um valor, especialmente, cultivado pelos alunos e reafirmado pela escola através dos conteúdos dos versos e poemas, não se pode

<sup>6</sup> Poesia redigida por Carlos Antonio no relicário de Jandira em 25/10/70.

<sup>7</sup> Registro do relicário de Elaine escrito por Josiane.

<sup>8</sup> De Graziela para Elaine.

deixar de chamar atenção para as expressões de criatividade que aparecem na escrita desses alunos. Poemas e poesias passam a ser escrito com canetas de tintas coloridas marcando os versos com cores alternadas. O uso de hidrocor sobressai e se conjuga à combinação de letras de diferentes formas e tamanhos, o que denuncia a transgressão à escrita convencional. Essa manifestação mais livre e irreverente pode ser interpretada como resposta às normas de organização que regem a escola. Como recurso auxiliar à escrita lançam mão de imagens que ampliam o sentido da mensagem, são desenhos, figuras, inscrições de monogramas que ampliam e intensificam o sentido atribuído à mensagem. Percebe-se, então, uma forma de ser, de se comportar e de se manifestar bem própria do estudante da época, que comunica seus múltiplos saberes e tem na escola o espaço de representações. Essas escritas trazem à tona ideologias, concepções e mecanismos censores que são mantidos no espaço escolar e desvelam formas de apropriação de saberes e valores de uma geração.



Relicário de Elaine Azevedo onde aparecem fragmentos de escrita mais livre e criativa. 1983.

Percebe-se ainda um certo descompromisso com o estabelecido pelas normas epistolares e pelo padrão convencional em substituição por expressões bem próprias ao grupo como: "Beijim procê!", "Saudadeesss!!! " ou "smackkkk ! ", o que demonstra que não se encontravam passivos diante do que as estruturas sociais e educacionais lhes impunham.

As formas utilizadas determinam assim a escrita escolar em sua singularidade. Uma escrita afetiva, predominantemente marcada por posições e por que não dizer, transgressões, que superam a posição de aluno ao estabelecer um lugar nesse grupo social.

Em suma, caberia então perguntar, o que representa essa prática de escrita comum entre os alunos das escolas públicas mineiras nos anos 70 e 80? Estes saberes podem ser compreendidos como um mecanismo de invenção dos alunos em relação às normas da escrita, mais especificamente às normas escolares?

Os relicários, assim como as agendas (mais recente suporte que registra acontecimentos, intimidades e transgressões) expressam sob a forma de desenhos e ilustrações, espaços de registro de mensagens e servem também como um esboço autobiográfico em potencial. No dizer de Tânia Ramos (2000) as agendas são uma extensão do corpo do adolescente, é um espaço textual peculiar que



[...] ao mesmo tempo que assume uma função social e econômica, esse nem tão obscuro objeto passa a ser a extensão do corpo num ir e vir diário, em espaços públicos e privados, transformando-se num depósito de recados, adesivos, recortes, clips coloridos, papéis de bala, ingressos para shows, desenhos cuidadosamente elaborados, palavras e frases multicores numa exposição de criatividade em torno de nomes e especificações aparentemente inúteis” (RAMOS, 2000, p.193).

Observando a produção textual de ambos os suportes de escrita se apreende elementos que sinalizam para as aproximações e distanciamentos em relação à padronização de textos que refletem uma geração, num tempo e lugar. Os relicários se sobressaem como *locus* de amizade e se caracterizam por desenvolver uma forma de comunicação escrita mantida por uma rede de inter-relações.

### **Para finalizar... os relicários assim como as agendas, deixam as memórias registradas**

Ao escreverem mensagens aos colegas os alunos firmavam um pacto com a amizade, anunciavam sentimentos e afetos, mas também deixaram anunciadas práticas pedagógicas que circulavam na escola. A prática de escrever a um amigo, o cuidado com as normas epistolares, a ortografia revisada e a caligrafia, muitas vezes aparecem como alguns sinais da escolarização. Até mesmo a transcrição dos versos e das poesias podem ser pensadas como práticas que envolviam o incentivo à leitura. Mas há indícios que apontam para a necessidade de adaptar a escrita escolar a uma forma mais livre de expressão, onde o aluno é autor de sua produção, lançando mão da criatividade e imaginação como dispositivos da comunicação. Pode-se dizer que escrever no relicário era, de certa forma, um incentivo à escrita, uma estratégia de produção da escrita cotidiana escolar que em meio a regras, ordens e padrões se estabeleceram mais livres para a expressão. Por fim, esses relicários agregam em seus escritos valores tidos como importantes para a formação do aluno e para sua vida social mais ampla. Os cadernos de recordação são escritos em um momento histórico onde havia inúmeras restrições quanto à escrita. Essa prática representa um espaço de liberdade dos jovens que conseguem driblar as normas e padrões convencionais.

Baseado na análise desse material se tem acesso às questões relacionadas ao cenário educacional mineiro que nos remete a valores que veiculavam a través de um tipo de escrita despojada que anunciava que os alunos não estão passivos às determinações impostas. Era claro que o controle institucional e disciplinar era mantido, na medida em que determinados temas sociais foram silenciados. Pode-se perceber, que de uma escrita informal entre colegas cujo objetivo primeiro era deixar registrado o tempo da escola, passam os relicários a dar visibilidade ao processo de escolarização onde estão presentes outras formas de apropriações do saber. Isso torna os relicários uma fonte original para o estudo e investigação no campo da História da Educação.

## Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, nº21, CPDOC/FGV, 1998.
- CAMARGO, Maria Rosa R. Cartas adolescente, uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio, CUNHA, Maria T. Santos, BASTOS, Maria H. Câmara. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- CASTILLO, Antonio Gómez; MONTEAGUDO, José Ignacio (orgs.). Los archivos europeo de la escritura popular. *Boletín Acala Archivamos*, Alcalá, nº. 38, 1999.
- CASTILLO, Gomes. Un archipiélago desconocido archivos y escritura de la gente comun. *Boletín Acalá Archivamos*, Archiveros de Castilla y Leon, 2000.
- CUNHA, Maria Teresa S. *Armadilhas da sedução, os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. Querido diário: agenda é mais moderno. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio, CUNHA, Maria T. Santos, BASTOS, Maria H. Câmara. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- HÉBRARD, Jean. *Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França - séculos XIX e XX)*. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1º número, jan/jun. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. *A Escola e a Memória*. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade de São Francisco/EDUSF, 2000.
- LYONS, Martyn. Práticas de Leitura, Práticas de Escrita Cartas de amor e escritas íntimas –França e Áustria, século XIX. In LYONS, M. CYANA L. *A Palavra impressa: histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999.
- VIANA; LISSOVSKY; SÁ. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, v.10-14, jul\dez 1986.

Recebido em junho de 2010  
Aprovado em setembro de 2010